

## O Evangelho segundo Jesus Cristo: apêndice um

*Felipe Drehmer\**

*Ricardo Prestes Pazello\**

**Resumo.** A conversa não revelada entre Deus e o Diabo é o alicerce literário deste artigo, tendo como objetivo mostrar que em nome do primeiro o continente encoberto – a América – seria descoberto, inventado, conquistado e colonizado, temporal e espiritualmente, denotando-se como das maiores violências pela modernidade, sendo tida, inclusive, como seu marco fundador. A partir da exploração estético-artística do diálogo dêmono-divino, que nada mais faz que expressar as origens do capitalismo como metáfora, analisa-se o mundo do conquistador e o seu choque com uma alteridade, que por ser absoluta tornou-se intolerável; também, como decorrência, a negação do mundo do conquistado, fazendo-se de sua antiga vida uma pré-história; e, por fim, o filicídio levado a termo no continente americano por meio do pai-estado que, de sobre, subjuga também a mãe-cultura e submete as novas gerações como o Mesmo e não como o Outro.

**Resúmen.** El coloquio no revelado entre Dios y el Diablo es la base literaria de este artículo, objetivándose demostrar que en nombre del primer el continente encubierto –América – sería descubierto, inventado, conquistado y colonizado, temporal y espiritualmente, denotándose como una de las mayores violencias de la modernidad, considerada, incluso, como su marco fundador. A partir de la exploración estético-artística del diálogo dêmono-divino, lo cual expresa las orígenes del capitalismo como metáfora, se analiza el mundo del conquistador y su choque con una alteridad, que por ser absoluta se ha tornado intolerable; también, por consiguiente, la negación del mundo del conquistado, haciendo de su antigua vida una prehistoria; y, por fin, el filicidio ejecutado en el continente americano por medio del padre-estado que subyuga también la madre-cultura y somete las nuevas generaciones como lo Mismo y no como lo Otro.

O nevoeiro os cobriu, como a tudo se costuma cobrir o que não deve ser de ciência de todos. Jesus enfurecido, remos n'água, dizia, Voltareis pelo caminho por onde viestes, e, em não se mexendo nem Deus nem o Diabo, empenha-se em seu esforço supra-humano de voltar à margem de onde saíra, com tão emblemáticas figuras. Isso, rema, filho, como se foras Quétzalcoatl, redargúi ironicamente o Pastor às perfunctórias frases de Cristo. A esse tempo, Deus o exprobra, Cala-te, arraia miúda, que não queremos adiantar coisas as quais ele não deva conhecer. Ao mesmo instante em que a frase ganhara vida na voz do Pastor, ganhara vigor e impulso as remadas de Jesus e como que cindindo a dimensão na qual estavam, Deus e o Diabo perfazem uma palestra que recebe de ambos grandes monólogos, como se um já

\* Graduando do curso de Direito da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do Núcleo de Direito Cooperativo e Cidadania (NDCC/UFPR).

\* Mestrando em Teoria e Filosofia do Direito pelo Curso de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (CPGD/UFSC), membro do Núcleo de Estudos e Práticas Emancipatórias (NEPE/UFSC) e bolsista CAPES.

soubesse do outro o que lhe viria à boca. Esquivou-se o tempo em sua sincrônica coreografia e Jesus parece não ter dado oitiva nem às palavras de Deus nem às de seu contrário.

Jesus sentiu-se vivo e alegre, com um vigor fora do comum, donde estava não podia ver a proa do barco, mas sentia-a levantar-se a cada impulso dos remos como a cabeça do cavalo na corrida, que a todo o momento parece querer desligar-se do pesado corpo, mas tem de resignar-se a puxar por ele até ao fim, conta-nos Saramago, cujos olhos, fixos no protagonista das peripécias que posteriormente relatou, não focara outra coisa. Nós, outros, não. Ousemos. Deixemos de lado o olhar do europeu e acompanhemos a conferência entre Deus e o Diabo, a qual parecia, sem dúvidas, entrar num infinito relato admoestativo.

Isso, rema, filho, como se foras Quétzalcoatl, Cala-te, arraia miúda, que não queremos adiantar coisas as quais ele não deva conhecer. Inicia-se, então, o conclave que, oculto a Cristo, poderia ter-lhe dito muito mais do que o seria mais à frente, Como te podes referir assim tão indiscriminadamente a tamanha obnubilação que a história poderá ver, repreende Deus, O que há, Senhor, hora ou outra saberá ele de todo o seu porvir, bem o sabes, ele não tem escolha, será teu herdeiro d'outro mundo e de lá poderá lobrigar tudo o que lhe for encoberto agora. Às frases do Diabo, Deus cambaleava a cabeça, em contínua negação, Bem o sabes tu, ó, indigno das trevas, que o que lhe pode ser revelado o deve ser a seu tempo, Como a seu tempo, se o tempo é reclame de Deus, Da mesma forma que, a seu tempo, Cortez será confundido com Quétzalcoatl, para mais bravia conquista daquelas plagas que hoje, no mundo dos que elevarão meu nome, nada se sabe.

Da conversa inferia-se que algo de mui grandioso teria de ser escondido, eram as terras d'além mar, era todo um continente, outro, vários daquele no qual se constituíam as possessões divinas. Deus e o Diabo, como que num mesmo eu lírico, tentam se convencer, um ao outro. Um de que o que virá será mais bem tonificado se o cordeiro deles não tomar conhecimento de tal devir histórico, o oposto, conforme o segundo. No entanto, no futuro não se mexerá. Vi num dos clarões que se me mostram vagamente o futuro, uma montanha de prata. Deus, interrompendo o Diabo, num tom de desdém e chateação, pois sabia do que se tratava e de como sua narrativa se prolongaria, disse, Há tantas delas no mundo, e o Diabo arremedando, Sim, mas esta me chamou a atenção, curiosamente, eu não podia distinguir o que era ali minha obra e o que era a Tua, como que demonstrando confusão arremata, Os desejos da carne se misturavam de tal modo com os espirituais que o ódio e a cobiça pareciam

vir do mesmo lugar de onde vêm o amor e a compaixão, A montanha chama-se Potosi, mas não ma faça lembrar que o sangue que teremos de descrever ao filho de Deus será tanto que a mim se me apresenta como um flagelo, uma fustigação, O que seriam alguns baldes a mais para encher este mar, e olhou para a infinitude das águas e lembrou da efemeridade do mundo e pensou no domínio dos tempos.

Deus, como que se já não mais se penalizasse, como que se as palavras anteriores fossem pouco mais que um chiste para amolar o Pastor, irrompe a narrar a saga de um achamento, que não por mero acaso, mudará o mundo, mesmo que este não o perceba, ou melhor, oculte-o, Chegarão a estas novas terras, mas inicialmente nem os generais nem os soldados saberão onde estão, E isto dar-lhes-á o direito de se apossarem de tudo como se não houvesse quem ali habitasse, Res derelictae, prezado, eis o que o direito que em meu nome se constituirá resgatará dos povos que não me conheceram, Mas o Senhor, certamente, conhecia-lhes a alma a fundo, Inegável, desde que a cabeça do gado virou moeda Eu os acompanho, e nada lhes faltará. Retomam o rumo que houveram perdido, Denominarão de várias formas estas novas terras e quase sempre homenagearão a Igreja de meu filho, A Igreja que ampliou seus poderes, Sim, a mesma que dilatou os seus, Pastor dissimula, mas Deus sabe que por trás da face enrustida de seriedade está um rosto a gargalhar, Cristóvão Colombo será o primeiro, Sim, o pioneiro registrado pela história que fundarei, A História será tua, Assim como toda uma instituição, a qual cognominarão Ciência, Compreendo, Como se antes não, e o escárnio ficou claro por parte de ambos. Então Colombo ficará para a história, insiste o Diabo, Sem dúvida, e para ela morrerá, Deus a tudo relata com grandiloquência e desenvoltura irretocáveis, Será o primeiro dos nossos a pisar estas terras, plantará, em cada praia, como símbolos do meu poder que ali há de vingar, uma cruz e uma forca, Com uma punirás a carne, com outra o espírito, Ambas servirão para mostrar que não é este o mundo dos homens e que nele os homens não se devem acostumar, pois devem buscar-me, buscar meu mundo, E essas novas terras será Potosi, perguntou Pastor, Não, Potosi será apenas uma cidade nesta vastidão de terras que um dia verás. O Pastor, desembaraçando as lúdicas visões, fá-lo a contento, e Deus prossegue, Em todas estas terras ajuntar-se-ão homens de formas, trajes, línguas e cultura desconhecidos em tempos coevos e todos jurarão em meu Nome, em nome de Deus, E também se vituperarão mutuamente, Derramar-se-á tanto sangue em meu nome que se multiplicares o número de pessoas que morrerão por mim e por meu filho que consegues

vislumbrar em teus clarões, pelas gotas d'água existente neste mar onde estamos, não chegarás nem ao número aproximado, e como que entristecido por suas palavras e ao mesmo tempo revigorado pelo pensamento de grandeza que sabe ser certo, engata, Mas a alma necessita do sacrifício do corpo para ganhar o galardão, a salvação, ou crês diferentemente, Eu não creio, sou apenas seu contestador, o que sempre haverá para que existas. Deus, num deboche cáustico, finda aquela temática, És, sem dúvida, o que mais crê.

Como se ia a correnteza, ia-se, igualmente, o colóquio, caudaloso mas comedido, se é que em grandes mares possa haver algum tipo de comedimento. O Pastor, reatando o tema que os levara àquela situação, fala, E teu espaço, nestas distantes terras, será buscado através de um deus pagão, o denominado Quétzalcoatl, por que escondê-lo de Cristo, Bem se vê que és muito ingênuo, ou o diverso, que és deveras esperto, as palavras de Deus vinham como se estivesse conversando com um velho amigo. Tal história serve para desvendar todo o futuro que me fará o maior dos deuses, porque único e verdadeiro, e o Diabo ouvia, pode-se dizer, com singeleza a suas palavras. Está aí um dos mitos que servirá para que a terra em que minha Igreja será fundada possa prosperar sobre as demais, ou olvidas que bastante da fonte da prosperidade do velho mundo estará nas preciosidades do novo, e de soslaio Diabo mira Deus sem nada lhe responder. Observa que tal ilusão será culpa única e exclusiva dos filhos daquela terra, já que será Montezuma, um imperador do gentio, que cederá seu trono ao nosso infante Cortez. O Diabo estava prestes a falar, mas antes Deus precipitou-se, num tom de ironia, Se Jesus nos achou parecidos aqui, neste barco, devo dizer-te que às vezes quase chego a não perceber diferenças entre nós quando andamos pelas terras do além-mar, e é o mais próximo a que tu chegarás, Próximo de quê, De ser Deus. A narrativa continua, e o olhar dos dois protagonistas se firma como o de quem está desvendando a alma um do outro, Tão entrelaçados serão os atos destes conquistadores dos quais venho te falando que, em meu nome, praticarão, com refinamento, a técnica da traição e da intriga, Sim, disto já tomei ciência, Mas não sabes da missa a metade, garanto-te, Então, por obséquio, conta-ma, Pois não, Alonso de Ojeda, veterano de guerras contra os mouros, que atravessou o grande mar para lutar em meu nome e no de Jesus, convidará um chefe de guerra inimigo chamado cacique Caonabó para uma visita de paz, oferecerá seu cavalo ao inimigo e um tipo de jóia. A conversa se desenrola em tom de surdina, A jóia, para se usar nos pulsos, será uma algema e Caonabó será preso. O Diabo se ri, e Deus passa a nova descrição, Cortez aliar-se-á com os

tlaxcaltecas, inimigos de Montezuma, e desta tribo arrebanhará soldados, pois Montezuma haverá de tentar readquirir o que dele fora. A narrativa se perpetra, Pizarro saberá aproveitar-se bem da divisão em um dos reinos causada pela luta entre Huáscar e Ataulpa, os irmãos inimigos, e ainda, será este mesmo Francisco Pizarro, criador de porcos e analfabeto, que comandará os meus numa incursão sobre um dos maiores reinos destas terras e prenderá Ataulpa, o imperador, depois de traí-lo, Este Imperador, antes de morrer, não beijará a cruz e te aceitará como seu Deus, Exatamente, E esta será a sua paga, que desgraçado, Será batizado com o nome de Francisco, depois o torniquete de ferro romperá sua nuca, E terá espaço dentro do teu reino este teu novo cordeiro que será traído, derrotado e humilhado em vida, símbolo de uma nova aliança entre tu e todo um povo, pergunta o Diabo, Talvez, mas certamente eu terei meu espaço no reino que fora dele, E ao gentio será ensinado que o poder cega os homens e que não se deve causar a discórdia no seio familiar, e os clarões deixaram, por um instante, de serem vistos pelo Diabo e Deus lembrou que seu interlocutor já fora dos mais fiéis anjos de sua guarnição celeste. Um silêncio os acomete por um momento. Quem sai dele é o Diabo, Porém, a mim me parece que Cortez te traiu ao assumir e encarnar o deus que retornaria aos astecas, Nada, inimigo da luz, ele usou de estratagemas, assim como tu para comigo e eu para contigo, E nós para com Cristo, e o sorriso se lhes inundou as faces. Deus passa a explicar o que se dera com Cortez, Garanto-te que isto que consideras traição não significará muito, e emenda mais um relato de tempos vindouros, As conquistas destas novas terras serão para a glória de meu filho e para o meu poder de uma importância que, agora, tu podes somente vislumbrar. Deus discorria como que declamando um épico, Os meus, que irão para o além-mar e lá lutarão por mim e por amor ao próximo, difundirão entre o gentio o meu nome e o caminho por mim oferecido através de meu filho para a salvação e voltarão com os barcos repletos de riquezas, Na verdade, são os metais preciosos o que queres, Eu, no fundo, os sou, e sou tal afirmativa como um trovão, O ouro e a prata que de lá virão financiarão as guerras santas que aumentarão as fronteiras do meu poder e silenciarão o levante dos hereges de Lutero, iniciador da ruptura na Igreja Católica, inclusive, Carlos V, imperador cruel que me crê e me ama, armará uma grande esquadra que varrerá o sultão Solimão do Mediterrâneo, e muitas cidades tomadas pelos infiéis hão de esperar pelas espadas e cruzes a mando dele, De Carlos V, Sim, de Carlos V, o general de Jesus Cristo.

Uma análise quase que historiográfica os acomete, O sangue derramado em ambos os lados deste grande mar de que me falas será, ele todo, alicerce e adubo para a Igreja de teu filho, Sim, sobre sangue e lágrimas há de se firmar meu nome, para que nunca desconfiem os homens de qual deve ser o caminho da verdade, Não de desconfiar, Disso tu saberás com certeza em tempos que ainda não chegaram, Mas antevejo, bem sabes, Tudo, Sim, tudo, sei que teu poder será gestado sob alicerces corroídos e nascerá desequilibrado, mesmo porque o auge do teu império nada mais é que o início da derrocada. Do Diabo, poderíamos dizer que um olhar de satisfação tomou-lhe as vistas, pensando ele que teria vencido o debate, algo que, desde sua revolta contra o todo-poderoso, nunca acontecera. Mas Deus, com a alvura de um pai que ensina um filho, aceitou o desafio e pôs-se a argumentar, Serão arrogantes, implacáveis e cruéis, mas temerosos, e valentes os conquistadores destas novas terras de que lhe falo, Provenientes do solo da mentira, por sua vez, Haverá claramente uma razão espiritual nas ações dos homens que crêem em Jesus e que vivem num mundo no qual de mim e de meu filho deriva todo o bem e a verdade e no qual tu és a morada de tudo que é mau e falso. Delineia-se, então, o seu intento último, Propagarão a religião cristã, Sem deixar de lado uma questão muito humana de melhorar economicamente e um desejo por honra e fama, é uma época de transformações em que a existência e a consciência dos homens se abrirão num feroz carrossel, Exato, a derrocada do teu império há de se anunciar. Após um suspiro que, se estivéssemos à altura de Deus para julgá-lo, entenderíamos como um subterfúgio retórico utilizado apenas para depreciar seu oponente, fala, Sabes que sou o Único, e que de várias formas posso apresentar-me, És o único enquanto não acreditarem em outros, E quem são os outros, Disso não sei, sei apenas de ti e dos que te acreditam, E o que pensas saber de mim, Sei que os olhos dos homens não de voltar-se para si, assim teu império sobre os homens há de ser abalado, Enganas-te, enganas-te em tuas próprias mentiras, Negas-me, então, que um dia os filhos daqueles que te seguirem olharão para o mundo e não te verão, negas que a Cruz do teu filho perderá, um dia, a magia e teu império será reduzido, Não, não nego, mas não te esqueças que é a fetichização a ação comum entre os homens e ela há de prosperar para além da cruz ou da comunhão em Cristo. Deus mais uma vez fez uma pausa ante a face perplexa do Diabo e emendou, Eu, tu por consequência, e todos os do nosso patamar não somos nada mais que heterônimos de Pessoa, da pessoa, em que o Diabo, vendo-se ludibriado pela elucubração do oponente disse em tom de deboche, Deus e o Capital, duas faces da mesma moeda, Se

queres colocar desse modo, faça-o, mas o entendimento completo terias se considerasses esta moeda enesaédrica. A alegria esvai-se num relampejar, poderia ter-nos dito o Diabo se nosso objetivo fosse saber de suas intimidades ou fazer sua biografia, pois mais uma vez viu-se derrotado, talvez não tanto na discussão propriamente, mas porque percebera mais uma vez que elas seriam infundáveis e seu papel de carrasco estaria sempre em desvantagem. Há, contudo, sempre algo a ser salvo, e, como que desconsiderando tudo que havia se passado, o Diabo retornou ao argumento inicial, a que Deus respondeu, Sim, por óbvio, isto era uma lenda, fantasia de um povo de cultura inferior, que para seu bem, seria catequizado e crismado em minha santa doutrina, Seria, Será, meu caro, Perdão, é que chego a confundir os tempos, É porque dialogas tendo por pressuposto que suas teses serão aceitas inapelavelmente, Não, ou melhor, pode ser, mas é que teus relatos parecem tão meus que acabo por cometer atos falhos. A conversação de tediosa passa a ser franca, apesar de ainda não interessante, Contudo Cortez parece continuar te trair, Explico-te o que já entendes, para que eu pudesse reinar entre tão hostis povos só mesmo imiscuindo-me em sua filosofia pagã para poder alcançar a veneração e reverência de todos, Mas não o farás de fato, Não, quem o fará serão os homens, meus soldados, Mas a teu mando, Sim, a meu mando, Como a teu mando todo o sangue, A meu e por decorrência a teu, Mesmo que isso implique uma tal confusão, O que se há de fazer, se até meu filho me confunde com o Diabo, por que haveriam os homens de não nos confundir com outras deidades, Afinal, os fins justificam os meios, Muitos o dirão e em meu nome. E o Diabo como que num tom de encerramento comenta, Incentivarás, logo se vê, o nascimento de muitas Malinches.

Jesus permanecia remando. O Pastor queria continuar a conversa, a despeito de Deus já estar enfasiado da mesma, Ainda com tanto sofrimento queres continuar a praticar o filicídio, ao que Deus titubeia, Cometê-lo-ei em razão da redenção dos homens, Não use de falácias, Espera, já completaria, agora já retomado todo o pulso firme seu característico, Pela redenção dos homens e pela ampliação de meu poder, Inclusive tal redenção nem existe mesmo, Há sim, mas há nos discursos, eu, por exemplo, sou a Verdade e a Vida, Serás a Verdade que forjares, Como não, E a Vida, sê-la-ás pela morte de teu filho e de todo um povo, Quem crê em mim viverá, viste que belo discurso, e a isso não pôde responder. É por conta disso que facilmente confundir-nos-ão, então a conversa se torna um tanto quanto enigmática, Mas qual o mal, O meu, Quem o criou, Não interessa, Ah, não interessa, tu até o

podes pensar. Ferido em seu ego, se é que assim se o pode classificar, o Pastor tenciona golpear seu adversário com as lanças dos fatos que o contradirão, Que amor espalharás com o apodrecimento de todo um povo que se pode dizer puro frente aos que lhes conquistarão, Bom, quem mo pode responder és tu, dono das malvadezas desse orbe, Mas os infantes serão teus, Serão nossos, Não me tentes, A tentação só a faz o que não tem condições de cumpri-las por si só. O Diabo se enraivece e se mostra como deveras é, Então engula a varíola, o tétano, as doenças pulmonares, intestinais, venéreas, o tracoma, o tifo, a febre amarela, as cáries, a bexiga, os catarros que os cristãos levarão àquelas terras junto com cruzes e espadas, Lembra-te das pragas do Egito, Mas que rei de duro coração quererás adrede vilipendiar, Muito me admira que tu o reclames, mais parece obra tua, a instabilidade paria todo o diálogo que de tão conhecido tornou-se, por instantes, avassalador, Arrancarão os filhos dos seios de suas mães e lhes esfregarão a cabeça contra os rochedos, farão certas forcas longas e baixas, de modo que os pés toquem quase a terra, um para cada treze, em honra e reverência de Nosso Senhor e seus doze apóstolos e deitar-lhes-ão fogo, queimarão todos os que ali estiverem presos, eis a corja que levará Teu Santo Nome, Sabes quem acabara de parafrasear, mudando apenas o tempo verbal, Alguém que não reconhecerá em mim tais barbaridades, Sim, o dominicano Bartolomé, o qual será contestado por palavras como a de não duvidar de que todos os que andam vagando fora da religião cristã estão errados e caminham infalivelmente para o precipício, não devendo haver dúvidas em afastá-los dele por um medo qualquer ou mesmo contra a sua vontade, e, não fazendo isso, não se estaria cumprindo a lei da natureza nem o preceito de Cristo, ao contrário de um homem que se chamará Sepúlveda. Fez-se um silêncio, como o dos compassos quietos de um violino. O Diabo, ainda tentando recuperar a fleuma, espera o arremate divino, o qual logo vem, Discursos claramente contrapostos, não há que se negar, mas ambos partem de mim, tanto através de um quanto do outro, meu poder se espalhará e o teu por consequência.

O Diabo, mais calmo, pondera, O Senhor mesmo contará mil-e-uma peripécias medradas para o bom estabelecimento de teu poder, não vejo o porquê de tamanho conservadorismo, Acertas ao falar em pudor excessivo, mas o escrúpulo, aqui, é bom, já que o ideal é que quem irá narrar nosso encontro com o cordeiro de Deus não tome nota do que se passará naquele local que em tempos distantes chamarão América, Não que outros não tomarão para si esta labuta, arremedou o Diabo, ainda assim acedendo um ato de lisonja ao

Todo-poderoso. Mas não serão estes menos vítimas nem culpados que aquele, disso podes ter certeza. Da culpa, a certeza temos de ter, pois não faria sentido fazer-se de rogado e julgar Saramago por relatar apenas aquilo que os seus olhos podiam ver. Mire e veja, que em verdade vos dizemos, se julgarmos e condenarmos o narrador europeu, condenados também todos estamos, pois no ato de focar a realidade é que principia a miséria da condição humana. Seguindo o confronto mui diplomático do Bem contra o Mal, Deus, numa roupagem central de suas orações, considera alguns fatos, É pouco aconselhável que, num local que se chamará de Bons Ares, neste continente, atreva-me a discorrer sobre os mais bravios guerreiros de uma tribo que mataram por suas próprias mãos as esposas e filhos, precipitando-se depois do alto dos rochedos para não caírem em poder daqueles que, em meu nome, conquistarão o novo mundo, o Diabo mesmo irrequieto prefere não comentar as palavras de Deus. E mais, acrescentou o Santo Padre, dentre esses povos, dos mais primitivos, de língua abanheenga, que chegara a ter um milhão e meio de homens cordiais, será carcomido pela evangelização, conforme meus preceitos, E não ruborizarás, Não, é o sacrificio que se deverá dar para que minha jurisdição seja a que será.

Pronuncia-se Jesus, Cá estamos. Em verdade, o convescote prosador entre Deus e o Diabo permanecia. A todo o momento, Jesus esperava ouvir o deslizar macio do fundo da barca sobre o lodo espesso da margem. Deus continua, fala até em como se tornará sincrética a religião dos homens com Ele, Haverá momentos em que te reconhecerão por Jurupari, Como é, mas não se pode misturar os deuses, um deus respeita o outro, Pois é, caro companheiro de metafísica, mas se for para alargar os poderes do Deus único e verdadeiro, vale tudo, cooptação de deuses, invenção de data de nascimento de meu filho, o Diabo entorpecido pela notícia, argumenta, Eu não pensei que chegaríamos tão longe, Mas chegaremos, ainda que o seja por intermédio de nossos guerreiros, os homens. Agora, Deus falava triunfalmente, enquanto o Diabo aceitava seu enobrecido destino, Haverá também o uso dos índios domesticados para Jesus, a escravidão, que mata mais que a própria morte, Índios, eles são da Índia, Não, E por que, então, a denominação, Nossos heróis os reconheceram como sendo de lá, assim permaneceu a designação, Assim os inventaram, Mais, assim os descobriram, Não, assim os inventaram, descobriram, conquistaram e colonizaram, o que precisa ser feito tem de sê-lo. Seus donos os marcarão com ferro em brasa, quando forem vencidos, amarrarão os pobres à boca da artilharia, e se a disparará, canhoneando para longe

os pedaços tenros de seus corpos, Ou amarrarão os corpos indígenas em duas canoas que vão para direções diferentes até se os romper no meio, De fato, bem o sabes, o futuro lhe pertence, igualmente.

Exausto, Jesus deixou pender a cabeça para o peito, cruzou os braços sobre os joelhos, postos um sobre o outro os punhos, como se esperasse que alguém lhes viesse atar, e nem pensou em meter os remos para dentro do barco, tão imperiosa e exclusiva se lhe tornara a consciência da inutilidade de qualquer gesto que fizesse. Isto, disse-nos Saramago. Não era para menos, emendemos nós. Mesmos para Jesus, um deus em carnes humanas, remar por trinta e nove dias e trinta e nove noites é algo que extenua o corpo. Mas não sejamos simplistas, pois mais claro está que exaustão maior é a do espírito que se vê dominado, incapaz de qualquer ato que o livre da crueldade que o porvir o espera. Jesus, em seu lado mais humano, aceitará a cruz que lhe está reservada, mesmo sem saber o peso que lhe estará sobre os ombros, Será, como todo homem, pau para toda colher.

No barco onde Jesus remara praticamente solitário, reaparecem então Deus e Pastor. Lá estão também os olhos europeus que, mesmo não vendo esta história sob o foco considerado oficial, contemplam-na de modo encoberto. Recomeçemos, recomeçemos a partir da altura em que te disse que estás em meu poder, porque tudo quanto não seja uma aceitação tua humilde e pacífica, desta verdade, é um tempo que não deverias perder nem obrigar-me a perder a mim, diz Deus ao filho pródigo. Palavras semelhantes serão ditas por cristãos frente à resistência indígena, Se não o fizerdes, ou nisso puser maliciosamente dilação, certifico-vos que com a ajuda de Deus eu entrarei poderosamente contra vós e vos farei guerra por todas as partes e maneiras que puder, e vos sujeitarei ao jugo e obediência da Igreja e de Sua Majestade e tomarei vossas mulheres e filhos e vos farei escravos, e como tais os venderei, e disporei de vós como Sua Majestade mandar, e tomarei vossos bens e vos farei todos os males e danos que puder. Não importará que o gentio não entenda absolutamente nada do que dirão, pois, em ambos os discursos, nada além do poder será focado, mas disto, em verdade vos dizemos, Jesus não tomará ciência neste barco.

## ÀS GUIAS DE CONCLUSÕES

### 1.1 INTRODUÇÃO

Não se trata de, nesta parte do artigo, buscar esgotar qualquer tema tratado no convívio entre Deus e Diabo. Queremos aqui, de modo bastante breve, pois é o que o espaço nos permite, abordar o momento histórico que de Jesus fora escondido: o momento em que a Europa passa a projetar-se sobre o outro. O momento de fundação de toda a Modernidade<sup>1</sup>.

Para tanto, ante a vastidão do tema, faz-se necessário a redução do escopo. Nesse sentido, buscaremos trabalhar, especialmente, o mundo cotidiano europeu do período em que se inserem as grandes navegações. Posteriormente o modo como se molda a subjetividade européia cuja busca incessante pela universalidade é marcada por sangue, ferro e lágrimas. Seguindo os passos de autores como *Enrique Dussel*, trabalharemos a fundação da Modernidade e de todo o caráter irracional e violento que esse momento histórico representa na América Latina. Frisa-se, por fim, que nossa preocupação maior aqui não é com o direito e, se caso ele aparecer no decorrer do texto, será como mero coadjuvante, nunca como ator principal.

### 1.2 O MUNDO DO CONQUISTADOR E O PROBLEMA DA ALTERIDADE

Partindo de um plano radicalmente ontológico, pode-se dizer que o homem nada mais é que um ser-no-mundo<sup>2</sup>. Este mundo, por sua vez, não constituído de uma ordenação cosmológica nem o homem que nele habita dotado de uma racionalidade que *a priori* seja capaz de dar significado à realidade que por si só seria caótica. Esqueça-se aqui, portanto, a possibilidade forjada durante a Modernidade que, em última instância, buscou dotar “o

<sup>1</sup> DUSSEL, Enrique Domingo. *1492: o encobrimento do outro – a origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 1993, p. 13.

<sup>2</sup> DUSSEL, E. D. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 100.

Homem” de uma subjetividade ligada à universalidade e à autonomia do sujeito frente ao mundo<sup>3</sup>. A perspectiva da realidade aqui adotada é a de mundo que, nas palavras de *Dussel*,

o homem abre e para o qual se abre; é o horizonte de compreensão para o qual tudo ganha sentido; todo ente, sendo ente, adquire a modalidade de um ‘estar à mão’. Mundo assim entendido é o âmbito onde vive o homem concreto.<sup>4</sup>

O mundo concreto do conquistador é um mundo, ainda, de um *homo religiosus*<sup>5</sup>. Nesse sentido, a existência do indígena é aceitável somente se projetada em um tempo mítico e em um espaço que pode tomar dois sentidos completamente diversos doravante implicitamente coligados: do “maravilhoso” encontro com o Paraíso Terral ou do caos que se opõe ao cosmos sagrado, pois é através de seu universo simbólico que o conquistador interpreta não só o seu mundo, mas também aquele que lhe é desconhecido. Diante dessa relação, o mundo que lhe é próprio é um cosmos ordenado no qual

o ato primordial da criação pode ser revivido através da ritualização desse momento, [enquanto] [...] o espaço que ele ignora e que se projeta além desses limites sacralizados tem qualidades de profano. É um mundo que não existe, é o próprio ‘caos’, impossível ao ser humano mas habitado por seres fabulosos que, no mito original, são vencidos e subjugados para que a posse desse território seja alcançada e se efetue a sua sacralização e ordenação.<sup>6</sup>

O “ser” e o “espaço” tomam, assim, formas que muito se afastam de uma realidade concreta conhecida pela capacidade racional de observação do objeto. Eles adquirem sentido a partir dos sistemas simbólicos preconcebidos que dão, por si só, significado a um todo ordenado. O mundo físico é, nesse contexto, observado pelos sábios (teólogos e filósofos) como parte de uma atividade que deve atingir a Verdade e qualquer racionalidade que não se encaixe no sistema assim concebido toma ares de sacrilégio. Não é à toa que *Baumann* lembra

<sup>3</sup> FONSECA, Ricardo Marcelo. *Modernidade e contrato de trabalho: do sujeito de direito à sujeição jurídica*. São Paulo: LTr, 2002, p. 69.

<sup>4</sup> DUSSEL, E. D. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*, p. 99.

<sup>5</sup> BAUMANN, Thereza B. “Imagens do ‘Outro Mundo’: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental”. Em: VAINFAS, Ronaldo (org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992, p. 58.

<sup>6</sup> BAUMANN, T. B. “Imagens do ‘Outro Mundo’: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental”, p. 59.

da Torre de Babel como “angustiante imagem da alteridade”<sup>7</sup> que simboliza, antes de tudo, o local do pecado. Esta “ditadura da Verdade” orientada pela Igreja Católica que submete toda a produção humana ao testemunho da existência de Deus, maestro único do Universo, é bem representada no trecho do Apêndice:

haverá claramente uma razão espiritual nas ações dos homens que crêem em Jesus e que vivem num mundo no qual de mim e de meu filho deriva todo o bem e a verdade e no qual tu és a morada de tudo que é mau e falso.

Ainda sobre a negação da alteridade, salienta-se que é característica do *homo religiosus* definir um espaço como o “local de criação do mundo”, “o centro do mundo”<sup>8</sup> e a partir deste foco julgar a realidade e o “outro”. Eleger uma realidade como a Verdadeira e julgar todas as outras de acordo com a distância que dela se encontra não é, contudo, mistificação que desapareceu com as transformações culturais ocorridas na Europa nos séculos que se seguiram à conquista da América. *Hegel*, quando fala da História Mundial, não faz outra coisa senão agir como um *homo religiosus*,

da América e de seu grau de civilização, especialmente no México e no Peru, temos informação a respeito de seu desenvolvimento, mas como uma cultura inteiramente particular, que expira no momento em que o Espírito se aproxima dela.<sup>9</sup>

“Os costumes e a tradição já não valem”, diz *Hegel*, “os diferentes direitos precisam se legitimar como fundados em princípios racionais. Assim se realiza a liberdade do Espírito”<sup>10</sup>. Vemos, no texto hegeliano que ideais modernos como liberdade, igualdade e conhecimento racional do mundo por um sujeito autônomo e universal fundam-se na mitificação, ou como diz *Dussel*, “a consciência mítica não desapareceu do homem moderno”<sup>11</sup>. Todo o misticismo que acompanhará a Modernidade será particularmente danoso para as culturas mais distantes do local eleito como “umbigo do mundo”. Todo o discurso *darwinista* social que delegou aos europeus (e posteriormente aos americanos de origem anglo-saxã) o dever de civilizar o

<sup>7</sup> BAUMANN, T. B. “Imagens do ‘Outro Mundo’: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental”, p. 66.

<sup>8</sup> BAUMANN, T. B. “Imagens do ‘Outro Mundo’: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental”, p. 66.

<sup>9</sup> Citado em DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 19.

<sup>10</sup> Citado em DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 21.

<sup>11</sup> DUSSEL, E. D. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*, p. 14.

mundo; toda a construção do positivismo do século XIX, toda a formulação de um Estado detentor do poder de dizer qual tipo de subjetividade é aceita como legítima são reflexos de construções teóricas cujo caráter mítico é latente e nas quais não há espaço para a alteridade. É nessa lógica que disse Deus ao Diabo (ou seria o inverso?), “não te esqueças que é a fetichização a ação comum entre os homens e ela há de prosperar para além da cruz ou da comunhão em Cristo”.

Não podemos, contudo, dizer que o mundo cotidiano do conquistador europeu limita-se a questões de ordem espiritual, até porque, se o fizéssemos, negaríamos a tese dusseliana de fundação da Modernidade que pretendemos corroborar. Há, por conseguinte, uma racionalidade que se evidencia como um momento de transição, da qual o conquistador é peça chave para o entendimento e do qual Deus dá-nos uma pista,

Propagarão a religião cristã, Sem deixar de lado uma questão muito humana de melhorar economicamente e um desejo por honra e fama, é uma época de transformações em que a existência e a consciência dos homens se abrirão num feroz carrossel.

Em busca desse entendimento, mais uma vez remetemo-nos ao convescote entre Deus e Diabo,

Os meus, que irão para o além-mar e lá lutarão por mim e por amor ao próximo, difundirão entre o gentio o meu nome e o caminho por mim oferecido através de meu filho para a salvação e voltarão com os barcos repletos de riquezas.

A busca pela riqueza, pela glória e pelo reconhecimento de fato orientaram muitas das ações dos europeus que para estas plagas se dirigiram. Ao falar de *Colombo*, “o inventor da América”, *Dussel* pontua:

um ‘mundo’ cheio da fantasia renascentista – não mais estritamente medieval – que lhe permitirá pensar em sua terceira viagem que o Delta do Orinoco do norte da América do Sul era desembocadura de um dos rios do Paraíso Terrestre, por exemplo.<sup>12</sup>

Desses apontamentos, do modo como a América foi inventada e depois descoberta pelos europeus, *Dussel* conclui que se produzia a passagem da Idade Média renascentista para

<sup>12</sup> DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 28.

a Idade Moderna. É quando o europeu toma consciência de sua “universalidade descobridora”,<sup>13</sup> o ponto chave que altera a relação entre o homem e o mundo que o cerca. É o pontapé inicial para formulação de um pensamento que culminará com o “ego cogito” de *Descartes*.

Entra aqui, entendemos nós, uma relação dialética na cultura européia cuja síntese dá início à Modernidade. O conquistador é um homem que, como dito anteriormente, não julga a realidade a partir de uma visão racional dela, mas o faz, antes, pelas pré-concepções simbólicas, nas quais se interpenetram valores cristãos e uma nova forma de encarar um mundo maior que o tido até então.<sup>14</sup> O conquistador “é um ‘Eu’ violento-militar que cobiça, que deseja riqueza, poder, glória”.<sup>15</sup> Alguém que fora treinado durante séculos de batalhas contra os muçulmanos e que aos poucos se desliga de um mundo onde seu lugar já estava delimitado pela ordem natural das coisas e lança-se à aventura de buscar a própria fortuna. Um sujeito autônomo, senhor de si que quando olha para a América não vê o “Outro”, mas sim projeta-se sobre ele.

### 1.3 A NEGAÇÃO DO MUNDO DO CONQUISTADO

Mesmo autores que não se debruçaram mais profundamente sobre a análise do encobrimento do outro, como o fez Dussel em sua perspectiva latino-americanista de uma filosofia da libertação, podem nos apresentar opiniões que dêem ensejo a essa idéia. É o que ocorre com Sérgio Buarque de Holanda, de quem, já na abertura de seu livro mais repercutido, conseguimos visualizar o que se vem querendo aqui apresentar:

a tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 34.

<sup>14</sup> Nesse sentido, ver em DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 34, que o mundo até então tinha três partes (Europa, Ásia e África), e em BAUMANN, T. B. BAUMANN, T. B. “Imagens do ‘Outro Mundo’: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental”, sobre o reaparecimento da cartografia de *Ptolomeu*, p. 68-72.

<sup>15</sup> DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 47.

<sup>16</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 31.

Do intérprete brasileiro, temos como absorver a idéia de um transplante cultural, o qual não observou minimamente um respeito que deveria ser congênere a todo projeto civilizacional, como apregoa o ideário da Modernidade. O oposto, porém, é o que se verifica. A Modernidade, um projeto para a humanidade, pautada no discurso racional e de evolução social, cai por terra quando deparada com a observação empírica do que trouxe a essa humanidade. Poder-se-ia comparar sua intencionalidade à de Deus ao falar ao Pastor, contristadamente, acerca de Potosi:

a montanha chama-se Potosi, mas não ma faça lembrar que o sangue que teremos de descrever ao filho de Deus será tanto que a mim se me apresenta como um flagelo, uma fustigação.

De fato, Deus põe-se penalizado em tal circunstância, mas não se priva de não modificar tal devir histórico, já que com ele vê-se o poder absoluto, sua onipotência transcende os limites do tempo e da racionalidade posta, sendo não pouco incoerente se ele alterasse tal condição que viria a ser a própria ao homem moderno. Banhado no sangue da modernidade, tal homem conhece o batismo da irracionalidade logo cedo, e, por conseguinte, nem se apercebe de que todo um mundo, a exterioridade dusseliana, está sendo negado. É o encobrimento do outro.

Note-se, ainda, que tal encobrimento segue um caminho bastante peculiar, sendo formada por experiências existenciais deveras distintas, significando estágios do processo o qual tem fundamental relevo nesta análise e que, portanto, não nos escusaremos de nos aportar. Primeiramente se dá a invenção de um continente que da forma que fora inventado ainda não é, pois

Colombo morre em 1506 com a clara “consciência de ter descoberto o caminho pelo Ocidente para a Ásia; nela sempre esteve e morreu pensando nela. (...) Isto é o que chamamos de ‘invenção’ do ‘ser-asiático’ da América. Quer dizer, o ‘ser-asiático’ deste continente só existiu no ‘imaginário’ daqueles europeus renascentistas.<sup>17</sup>

Após a invenção, afigura-se o descobrimento.

<sup>17</sup> DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 31.

Ao descobrir uma ‘Quarta Parte’ (desde a quarta península asiática) ocorre uma auto-interpretação diferente da própria Europa. A Europa provinciana e renascentista, mediterrânea, se transforma na Europa centro do mundo: na Europa ‘moderna’. [...] Colombo foi ‘inicialmente’ o primeiro moderno; Américo Vespúcio terminou o tempo de sua constituição: um ‘Mundo Novo’ e desconhecido se abria à Europa. A Europa se abria a um mundo novo! Quer dizer, a Europa passava a ser uma ‘particularidade sitiada’ pelo mundo muçulmano para ser uma nova ‘universalidade descobridora’.<sup>18</sup>

O novo continente estava sendo descoberto para ser civilizado e, por decorrência, encoberto em sua alteridade. *Colombo* fora seu “inventor”, *Vespúcio*, seu “descobridor”. Passa-se, então, à conquista, uma práxis de dominação que deixa o âmbito teórico (da invenção e da descoberta) e chega ao fulcro do que foi a Modernidade na América.

A “conquista” é um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o Outro como o “si-mesmo”. O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a se incorporar à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como “encomendado”, como “assalariado”, (nas futuras fazendas), ou como africano escravo (nos engenhos de açúcar ou outros produtos tropicais). A subjetividade do conquistador, por seu lado, foi se constituindo, desdobrando lentamente em práxis. “Cortês [...] foi nomeado [...] ‘capitão-geral’ da ‘conquista’ que se realizaria nas terras recentemente descobertas”.<sup>19</sup>

Assim, entrechocavam-se dois mundos, um da liberdade, do homem autônomo; outro preso às tradições e ao misticismo. Estranho é, porém, não notar o quão irracional foi a racionalidade moderna. Em nome de quem Cortez se tornou o símbolo da conquista americana? Em nome de uma divindade européia que permeou todo o processo de subdesenvolvimento americano e que até hoje carrega suas mazelas. Não se trata aqui de alvejar a metafísica, mas entendê-la como algo próprio ao processo cultural, podendo ser facilmente utilizada para corroborar atrocidades e a dominação do modo de vida de todo um povo.

Como conseqüência de todo esse trajeto existencial, desemboca-se no momento da colonização. É quando se começa a prescindir do mero aparato militar e consegue-se a dominação pelos moldes superestruturais, dentre os quais, inclusive, o ancoramento jurídico adquire singular relevo.

<sup>18</sup> DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 33-34.

<sup>19</sup> DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 44.

A colonização do índio, do escravo africano pouco depois, foi o primeiro processo ‘europeu’ de ‘modernização’, de civilização, de ‘subsumir’ (ou alienar) o Outro como ‘si-mesmo’.<sup>20</sup>

Após se tomar posse do espaço (inventando-o e descobrindo-o), de se dominar os corpos (conquistando-os e colonizando-os), tem vez o controle do imaginário com a “conquista espiritual”. *Dussel*, apesar de aceitar o momento cristão como um superior da consciência religiosa, não o valida enquanto vetor de dominação e opressão. Deus, como fundamento de tudo, torna-se, também, fundamento de uma conquista que nega o Outro, sorrateiramente, sem lhe deixar por si e por seu grupo decidir o caminho a ser tomado. Eis, então, o fulcro de toda essa análise que percorreu as trilhas do encobrimento da América, a partir da perspectiva da construção do mito da Modernidade, indo desde a sua invenção, passando pela descoberta e conquista até chegar à colonização que tem seu reflexo na dominação espiritual de forma assaz marcante.

#### 1.4 A CONQUISTA ESPIRITUAL E O FILICÍDIO NA AMÉRICA

O evangelho apócrifo do evangelho apócrifo de Saramago nos traz esclarecedores dados sobre a questão da conquista espiritual implantada na América pelos iluminados europeus. Logo de início, percebemos que a atenção, o foco da narrativa é de menor importância, a exaustão de Cristo às remadas incessantes. Não que seja de somenos, nem, tampouco, cremos ser o diálogo monolítico empreendido por Deus e por Pastor algo que deslegitime a verossimilhança do escrito, mesmo porque nos evangelhos reconhecidos historicamente pelos cristãos, seus narradores não raras vezes se encontram fora da cena relatada e justamente por ser uma narração feita a partir de Cristo, filho do Pai, ou seja, Deus também, não é admissível ignorar tal acontecimento.

A palestra entre Deus e o Diabo transcorre de maneira tal a se confundir o diálogo com grandes monólogos, nos quais, ainda por cima, um já sabe o que o outro dirá. É, portanto, o re-conhecimento do outro não como outro, mas como “si-mesmo”. A dicotomia fundante da doutrina cristã conseguiu se embasar numa negação ainda não negada: o outro enquanto não-

<sup>20</sup> DUSSEL, E. D. *1492: o encobrimento do outro*, p. 50.

ser. Mais que isso, porém, é o fato de a totalidade Deus-Pastor deixar de dar ouvidos ao comportamento de Cristo quando este se enfurece com os vaticínios de Deus (ou seria do Pastor?) e passa a remar desumanamente, tendo terminado sua tarefa inglória 39 dias depois, um antes de voltar para os seus.

Saramago se prende à continuidade dos gestos de Cristo, esquecendo a conversa que definiria muito de seu porvir. Poderia parecer que isso é uma forma de dar total vazão à figura daquele que seria sacrificado em nome de poder futuro, mas não, olvidá-lo na transcendência do tempo, sabendo-o, de antemão, do que seria seu devir histórico, e não se preocupar com algo tão evidente, como a conversa (quase que de espelho) entre Deus e o Pastor, é negar a intencionalidade de tudo o que estaria por vir.

Quando temos a oportunidade de desvendar o referido diálogo vemos que o mesmo se incrusta na idéia de decidir por, em prol de algo, qual seja, o aumento dos domínios divinos. Aqui tem vez a idéia do filicídio, em que o novo só serve para perpetuar o velho, por ser basicamente um concorrente potencial que a qualquer momento ventilará o ambiente e derrubará o instituído. *Dussel* nos apresenta um retrato do que seja o filicídio ao analisar a questão pedagógica no ocultamento da América, a partir da aceitação/imposição da educação ao estilo do “Emílio” de *Rousseau*:

o preceptor (o pai e estado) obriga seu discípulo a ser e comportar-se como um órfão (sem mãe nem cultura popular) e que lhe obedeça em tudo, como explica no Emílio. Com a pretensão de que a natureza se exprima na realidade, o repressor preceptor obriga Emílio a seguir ponto por ponto um verdadeiro *curriculum* para receber o título de pequeno burguês, até com sua viagem pela Europa (delícia da burguesia da época) e com uma esposa perfeitamente dócil, reprimida e dona de sua casa. Seu projeto é duplamente ideológico: primeiro porque disfarça a burguesia da natureza; depois, porque não dá consciência crítica a este encobertamento e lhe faz aceitar em nome da crítica um projeto que assumirá ingenuamente.<sup>21</sup>

O patíbulo de Cristo é o mesmo pelos quais passarão os povos negados da América Latina, mas não só desta, como de todo o dito Terceiro Mundo. Órfão de pai terreno (o Estado), com a mãe-cultura-popular subjugada, Cristo vai sem pai para a cruz, mesmo sendo filho de Deus, mesmo tendo pedido o afastamento do cálice a seu pai. A América Latina, o Outro excluído, começa a se identificar como igual a esse Cristo, homem-Deus, que sofre

<sup>21</sup> DUSSEL, E. D. *Filosofia da libertação na América Latina*. 2 ed. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, s. d., p. 97-98.

como eles, que viveu um dia como eles e que veio a ser retratado nas obras de arte sacra dos oprimidos. São,

os famosos Cristos latino-americanos, fruto, segundo alguns, do ‘Horível’ (o grotesco) popular. Cristos com profundas feridas com enormes espinhos, realismo até chocante em sua dor. (...) Estes Cristos sofredores e terríveis são a expressão genial e autêntica de um povo oprimido, que se identifica com o Cristo crucificado e ainda não-ressuscitado, vencido pelo poder do mundo à espera da libertação. [...] O escultor popular religioso, então, concebe Cristo crucificado como a sublimação de seus antigos deuses vencidos por um cristo também vencido.<sup>22</sup>

É pertinente, ainda, fazer menção a outra forma de domínio espiritual que não a do sofrimento, da iconização do grande órfão. Referimo-nos à forma com que *Cortez* usou, estrategicamente, do conhecimento da forma com que os ameríndios tratavam seus saberes religiosos.

*Cortez*, ao contrário de seus predecessores, preocupou-se em compreender os índios, mesmo que fosse para dominá-los. Não visou apenas às riquezas imediatamente palpáveis. Possuía uma consciência política e histórica de seus atos. (...) Graças à gama de informações adquiridas pelo conquistador espanhol, foi-lhe possível aproveitar-se tanto das dissidências internas, valendo-se disso para conseguir aliados, como da religiosidade asteca. É sabida e citada em muitos estudos sobre o tema a identificação de *Cortez* com a entidade divina de *Quétzalcoatl*.<sup>23</sup>

*Quétzalcoatl* era a divindade que segundo a tradição asteca teria rumado, em tempos lendários, para o Leste numa canoa feita de serpentes e que voltaria de onde o Sol nasce para retomar o reino que a ele pertencia. Conseguiria *Cortez* desvendar esse mundo tão novo e diferente por meio da folclórica figura da índia *Malinche*, a qual lhe teria repassado todas as informações de seu povo, bem como se tornado sua amante. Tal qual *Judas Iscariotes*, a história ofereceu outra traição àquele que morreria, órfão por conquista, no caso, o continente americano. *Malinche* virou sinônimo de traição.

<sup>22</sup> DUSSEL, E. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*, p. 164-165

<sup>23</sup> SILVA FILHO, José Carlos Moreira. “Da ‘invasão’ da América aos sistemas penais de hoje”. Em: WOLKMER, Antonio Carlos (org.). *Fundamentos da História do Direito*. Belo Horizonte: Del Rey, 1996, p. 171-172.

Dessarte, a América inventada, descoberta, conquistada e colonizada, mostrar-se-ia como uma coisa abandonada, *res derelictae*, deixada de lado pelas mentes irracionais de seus habitantes (tão pouco civilizados, e por isso não *res nullius*), cabendo ao europeu trazer a razão, com seu sistema religioso, bem como suas formas políticas particulares, que vão desde o direito até o aparato governamental, para uma terra em desterro. O achamento se dá, mas a sede da totalidade do velho mundo aborta o novo, destruindo-se, dessa forma, toda uma comunidade de que muito pouco se sobrou hoje. E as conseqüências epistêmicas desta história são incontornáveis, estando aí o porquê de nossa reflexão.

### ***PROFANAS ESCRIPTURAS***

BAUMANN, Thereza B. “Imagens do “Outro Mundo”: o problema da alteridade na iconografia cristã ocidental”. Em: VAINFAS, Ronaldo (org.). *América em tempo de conquista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

DUSSEL, Enrique Domingo. *1492: o encobrimento do outro – a origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis, Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da Libertação na América Latina*. Tradução de Luiz João Gaio. São Paulo: Loyola, s.d.

\_\_\_\_\_. *Oito ensaios sobre cultura latino-americana e libertação*. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

FONSECA, Ricardo Marcelo. *Modernidade e contrato de trabalho: do sujeito de direito à sujeição jurídica*. São Paulo: LTr, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SILVA FILHO, José Carlos Moreira. “Da ‘invasão’ da América aos sistemas penais de hoje”. Em: WOLKMER, Antonio Carlos (org.). *Fundamentos da História do Direito*. Belo Horizonte: Del Rey, 1996.